



Ligeiramente
PERIGOSOS

.....
.....
MARY BALOGH

Mais de 4 milhões de livros vendidos



No início era apenas antipatia, mas logo eles foram dominados por uma impetuosa paixão



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



— Seu rosto está assustadoramente corado, Christine – comentou a mãe dela, pousando o bordado no colo para observar a filha com mais atenção. – E seus olhos estão brilhantes demais. Espero que isso não signifique que uma febre está a caminho.

Christine riu.

– Eu estava na casa paroquial, brincando com as crianças – explicou. – Alexander quis jogar críquete, mas depois de uns minutinhos ficou claro que Marianne não conseguiria receber as bolas e que Robin não sabia rebater. Então resolvemos brincar de esconde-esconde, só que Alexander considerou a brincadeira aquém de sua dignidade, agora que já tem 9 anos, até que questioneei como sua pobre tia deveria se sentir nesse caso, afinal ela tem 29. Foi assim o tempo todo, é claro. Nós nos divertimos muito até Charles enfiar a cabeça pela janela do escritório e perguntar, retoricamente, imagino, como seria capaz de terminar de escrever o sermão com toda aquela algazarra. Aí Hazel serviu limonada para nós e enxotou as crianças do salão para que fossem ler em silêncio, pobrezinhas, e eu voltei para casa.

– Claro – comentou Eleanor, irmã mais velha de Christine, tirando os olhos do livro e observando-a por cima da armação dos óculos. – Imagino que não estivesse usando sua touca enquanto brincava com seus sobrinhos. Seu rosto não está apenas corado. Está *queimado de sol*.

– Como uma pessoa vai meter a cabeça em esconderijos apertados com uma touca enorme? – argumentou Christine.

Então começou a arrumar as flores que tinha colhido no jardim ao retornar para casa, colocando-as num vaso com água trazido da cozinha.

– E seus cabelos parecem um ninho de passarinho – acrescentou Eleanor.

– Isso é fácil de resolver. – Christine desarrumou ainda mais os cachos curtos com as mãos e riu. – Pronto. Está melhor?

Eleanor balançou a cabeça antes de voltar a atenção para o livro – e sorriu.

Restabeleceu-se um silêncio confortável na sala enquanto as três mulheres se concentravam em suas atividades. Mas tal silêncio – pontuado pelo trinado dos pássaros e pelo zumbido dos insetos, vindos da janela aberta – foi quebrado depois de alguns minutos pelo som de cascos de cavalo e pelo sacolejar de rodas, que pareciam vir da rua do vilarejo em direção a Hyacinth Cottage. Certamente havia mais de um cavalo, e as rodas eram pesadas. Devia ser uma carruagem de Schofield Park, a residência de campo do barão de Renable, que ficava a menos de 5 quilômetros dali, pensou Christine distraidamente.

Ninguém prestou muita atenção à aproximação da carruagem. Lady Renable costumava usá-la quando saía para fazer visitas, embora uma charrete pudesse servir muito bem ao seu propósito, ou um cavalo... ou mesmo seus pés. Eleanor costumava descrever lady Renable como frívola e presunçosa, e era uma avaliação bem fiel. Ela também era amiga de Christine.

E então ficou evidente que os cavalos estavam reduzindo a velocidade. As rodas da carruagem rangeram em protesto. As três mulheres olharam para cima.

– Acho – comentou Eleanor, olhando em direção à janela, mais uma vez por cima da armação dos óculos – que lady Renable deve estar vindo para cá. E me pergunto a que devemos essa honra. Você está esperando a visita dela, Christine?

– Eu *sabia* que devia ter trocado minha touca depois do almoço – disse a mãe delas. – Por favor, Christine, peça à Sra. Skinner para subir correndo e pegar uma limpa.

– Essa que a senhora está usando é perfeitamente adequada, mamãe – assegurou Christine, terminando de arrumar as flores e atravessando a sala para lhe dar um beijo na testa. – É apenas Melanie.

– É claro que é só lady Renable. O problema é exatamente este – retrucou a mãe, exasperada.

Mas não voltou a pedir que mandassem buscar outra touca.

Também não era preciso ser um gênio para imaginar o motivo da visita de Melanie.

– Ouso dizer que lady Renable tenha vindo questionar por que você recusou o convite que ela lhe fez – sugeriu Eleanor, ecoando o pensamento da irmã. – E acredito também que sua amiga não aceitará um não como resposta agora que está vindo refazer o convite pessoalmente. Pobre Christine. Quer subir correndo para o seu quarto? Posso dizer a ela que você está com sintomas de varíola.

Christine riu enquanto a mãe delas lançava as mãos para o alto, horrorizada.

Realmente, Melanie não era conhecida por aceitar um não como resposta. Fosse lá o que Christine estivesse fazendo... e ela quase sempre estava ocupada com alguma coisa: dando aulas na escola do vilarejo várias vezes por semana; visitando e ajudando idosos e enfermos ou uma mãe recém-parida, uma criança doente, ou uma amiga; ia à casa paroquial para brincar e distrair as crianças, já que em sua avaliação Charles e a irmã dela, Hazel, negligenciavam demais os pequenos sob o pretexto de que as crianças não precisavam de adultos para brincar com elas quando tinham umas às outras... Qualquer que fosse a atividade de Christine, jamais fazia diferença: Melanie sempre escolhia acreditar que a amiga vivia *vegetando* sob a esperança de que alguém fosse aparecer com alguma diversão frívola.

É claro que Melanie *era* sua amiga, e Christine realmente gostava de passar tempo com ela – e com os filhos dela. Mas havia limites. Melanie com certeza estava vindo com a intenção de reforçar pessoalmente o convite que um empregado havia levado por escrito na véspera. Christine respondera, também por escrito, com uma recusa cheia de tato, porém firme. Na verdade, já havia recusado com a mesma firmeza um mês antes, ao ser convidada pela primeira vez.

A carruagem parou diante do portão do jardim fazendo um estardalhaço, sem dúvida atraindo a atenção de todos os moradores para o fato de que a baronesa estava se dando ao trabalho de fazer uma visita à Sra. Thompson e a suas filhas em Hyacinth Cottage. Houve sons de portas sendo abertas e fechadas, então alguém – provavelmente o cocheiro, já que com certeza não seria a própria Melanie – bateu à porta da casa com determinação.

Christine suspirou e sentou-se diante da mesa; a mãe colocou o bordado de lado e ajeitou a touca; Eleanor baixou os olhos para o livro, dando um sorrisinho afetado.

Alguns instantes depois, Melanie – lady Renable – adentrou na sala, passando pela Sra. Skinner, a governanta, que abriu a porta para anunciá-la.

Como sempre, Melanie usava roupas um tanto exageradas para o campo. Estava arrumada como se planejasse dar um passeio pelo Hyde Park, em Londres. Plumões de cores vivas balançavam acima da aba larga e rígida de sua touca, fazendo-a parecer mais alta. Segurava seu *lorgnon*, um par de óculos de uma haste só, com a mão enluvada. Parecia ocupar metade da sala.

Christine sorriu para a amiga com uma expressão divertida.

– Ah, aí está você, Christine – disse Melanie num tom majestoso depois de oferecer um cumprimento de cabeça gracioso para as outras mulheres e perguntar como estavam.

– Sim, aqui estou eu – concordou Christine. – Como vai, Melanie? Sente-se na cadeira diante de mamãe.

Mas a amiga declinou o convite meneando o *lorgnon*.

– Não posso desperdiçar nem um minuto sequer – falou. – Acho que serei acometida por uma de minhas enxaquecas antes que o dia termine. E lamento que você tenha tornado esta visita necessária, Christine. Meu convite por escrito deveria ter sido suficiente, você sabe. Não consigo entender por que respondeu com uma recusa. Bertie acha que você está sendo falsamente modesta e que seria ótimo se eu não viesse persuadi-la. De vez em quando ele diz coisas ridículas. E *você* também é ridícula às vezes, e eu *sei* por que recusou. É porque Basil e Hermione estarão presentes, não é? E por alguma razão você brigou com eles depois que Oscar morreu. Mas isso foi há tanto tempo... e você tem tanto direito de comparecer à festa quanto eles. Afinal, Oscar era irmão de Basil e embora ele não esteja mais entre nós, pobrezinho, você ainda está e sempre fará parte da nossa família. Christine, não seja teimosa. Ou modesta. Lembre-se de que é a viúva do irmão de um *visconde*.

Era pouco provável que Christine fosse se esquecer desse fato, embora às vezes o desejasse. Tinha sido casada durante sete anos com o irmão de Basil, Oscar Derrick, visconde de Elrick e primo de lady Renable. Eles se conheceram em Schofield Park, na primeira festa que Melanie organizou depois de seu casamento com Bertie, o barão de Renable. Foi um belo casamento para Christine, filha de um cavalheiro dotado de posses tão parcas que se vira obrigado a completar sua renda tornando-se professor da escola do vilarejo.

Agora, Melanie queria que a amiga comparecesse a mais uma de suas festas.

– É mesmo muito gentil de sua parte me convidar – disse Christine. – Mas eu sinceramente prefiro não comparecer.

– Que bobagem! – Melanie levou o *lorgnon* aos olhos e examinou o ambiente, um gesto afetado que sempre divertia Christine e Eleanor, que naquele momento mergulhou a cabeça atrás do livro para esconder o sorriso. – É claro que você quer ir. Quem não adoraria ir? Mamãe vai estar lá com Audrey e com sir Lewis Wiseman... a festa é em homenagem ao noivado deles, embora já tenha sido anunciado, é claro. Até mesmo Hector foi convencido a comparecer, embora você saiba que ele só se renda a tais diversões quando nós o persuadimos.

– E Justin também? – perguntou Christine.

Audrey era a irmã mais nova de Melanie, e Hector e Justin, irmãos das duas. Justin era amigo de Christine desde que se conheceram, naquela temporada de festas havia tanto tempo... Ele praticamente era o único amigo dela, ou ao menos fora o que parecera durante os últimos anos do casamento de Christine.

– É claro que Justin também vai estar lá – confirmou Melanie. – Ele por acaso deixa de ir a algum lugar? E não passa mais tempo comigo do que com qualquer outra pessoa? Você sempre se deu tão bem com a minha família... Mas além deles, esperamos a presença de montes de convidados distintos e agradáveis, e organizamos várias atividades aprazíveis para que todos se divirtam, de manhã, à tarde e à noite. Você precisa ir. Insisto com veemência.

– Ah, Melanie – começou a dizer Christine –, eu realmente...

– Você tem que ir, Christine – manifestou-se a mãe dela –, e se divertir. Está sempre tão ocupada com o bem-estar de outras pessoas...

– Diga logo que aceita. – Foi a vez de Eleanor, espiando novamente por cima da armação dos óculos em vez de retirá-los até que a visita se fosse e ela pudesse voltar a atenção ao livro sem mais distrações. – Sabe que lady Renable não irá embora até convencê-la.

Christine olhou para sua irmã, exasperada, mas Eleanor simplesmente sustentou seu olhar. Por que ninguém nunca convidava Eleanor para eventos como aquele? Mas Christine sabia a resposta. Aos 34 anos, a irmã mais velha havia se acomodado placidamente à meia-idade e à condição de solteirona na casa da mãe, e não avaliava sua juventude com nenhum pesar. Era uma vida deliberadamente escolhida, depois que seu único pretendente morrera na Guerra da Península anos antes. Desde

então, nenhum homem a fizera mudar de ideia, embora alguns tivessem tentado.

– Está certíssima, Srta. Thompson – falou Melanie, as plumas da touca balançando em aprovação para Eleanor. – A coisa mais irritante aconteceu... Hector e aquele seu jeito impulsivo de sempre...

Hector Magnus, visconde de Mowbury, era um rato de biblioteca, quase um ermitão. Christine não conseguia imaginá-lo fazendo *qualquer coisa* impulsiva.

Melanie tamborilou no tampo da mesa.

– Ele não tem a menor ideia de como agir, o pobrezinho – comentou ela. – Teve a audácia de convidar um amigo para ir com ele, e assegurou ao sujeito que o convite havia partido de *mim*. E teve a gentileza de me informar sobre esta virada nos acontecimentos há dois dias... tarde demais para que eu pudesse convidar outra dama disposta a equiparar o número de mulheres ao de homens.

Ah! De repente estava tudo explicado. O convite por escrito a Christine tinha chegado na manhã da véspera, um dia depois de o desastre social se assomar no horizonte do mundinho de Melanie.

– Você precisa ir à festa – repetiu Melanie. – Christine, querida, simplesmente precisa ir. Seria uma desgraça inimaginável ser obrigada a dar uma festa em que o número de homens é diferente do número de mulheres. Você não desejaria que algo assim acontecesse comigo... ainda mais quando está em suas mãos me salvar.

– Seria mesmo uma pena – concordou a mãe de Christine –, já que ela está aqui sem nada em especial para fazer nas próximas duas semanas.

– Mamãe! – protestou Christine.

Os olhos de Eleanor ainda cintilavam em direção à irmã, sempre por cima dos óculos.

Christine suspirou... bem alto. Estava absolutamente determinada a resistir. Casara-se com um aristocrata nove anos antes. Na época, ficara mais empolgada do que seria possível descrever. Além do fato de estar perdidamente apaixonada por Oscar, Christine ficara exultante diante da perspectiva de passar a circular pelas castas sociais mais altas. E as coisas correram bem por alguns anos – tanto no casamento quanto na aristocracia. Mas aí tudo começou a dar errado... *tudo*. Ela ainda se sentia perplexa e magoada ao lembrar. E quando se lembrava do fim... Bem, ela havia bloqueado os acontecimentos

com determinação, pois era o único modo de manter sua sanidade e de recuperar seu bom humor, e ela não precisava ser lembrada de tudo naquele momento. Christine *realmente* não queria mais ver Hermione e Basil.

Só que tinha uma fraqueza quando o assunto era salvar pessoas de encrucilhadas. E Melanie parecia mesmo estar numa encruzilhada. Ela dava grande importância à construção de sua reputação como a anfitriã que fazia tudo de modo meticuloso e com perfeição. E no final das contas, elas *eram* amigas.

– Talvez – sugeriu Christine, esperançosa – eu possa ficar aqui e ir a Schofield algumas vezes para me juntar às festividades.

– Mas Bertie teria que mandar a carruagem toda noite para trazê-la para casa, e também fazer com que o veículo buscasse você aqui toda manhã – argumentou Melanie. – Seria inconveniente demais, Christine.

– Posso ir e voltar caminhando – sugeriu.

Melanie levou uma das mãos ao peito como se para acalmar o coração palpitante.

– E chegaria todos os dias com a bainha empoeirada ou enlameada, o rosto vermelho e os cabelos desalinhados pelo vento? – perguntou ela. – Isto seria tão ruim quanto não tê-la na festa. Você precisa ir e ficar hospedada conosco. É o único jeito. Todos os nossos convidados vão chegar depois de amanhã. Vou enviar a carruagem para buscá-la pela manhã, para que você possa se acomodar já cedo.

Christine percebeu que tinha perdido o momento para uma recusa firme. Ao que parecia, ela estava condenada a comparecer a uma das temporadas de festas de Melanie. Mas... santo Deus, não tinha *nada* para vestir e estava sem dinheiro para comprar um novo guarda-roupa às pressas – não que houvesse algum lugar *onde* fazer isso num raio de uns 80 quilômetros. Melanie havia acabado de retornar de uma temporada social em Londres, onde fora ajudar a organizar o *début* da irmã e sua apresentação à rainha. Todos os convidados da festa – à exceção de Christine – provavelmente também estariam vindo da temporada social, trazendo consigo a elegância e os modos londrinos. Era um pesadelo.

– Muito bem – disse Christine. – Eu irei.

Melanie deixou a dignidade de lado por tempo suficiente para abrir um enorme sorriso de alegria para a amiga antes de cutucá-la no braço com o *lorgnon*.

– Eu sabia que você aceitaria – falou Melanie. – Mas teria sido bom se não tivesse me forçado a gastar uma hora inteira vindo aqui. Há *tanto* para ser feito. Eu poderia esganar Hector. De todos os cavalheiros que poderia ter convidado para acompanhá-lo, ele foi escolher justamente o que tem mais chance de provocar um infarto numa anfitriã. E só me deu poucos dias para me preparar para recebê-lo.

– É o príncipe de Gales? – sugeriu Christine com uma risadinha.

– Não consigo citar ninguém que ansiaria pela presença *dele* – comentou Melanie –, embora eu imagine que seria uma imensa honra recebê-lo. Mas esse convidado não é tão inferior assim ao príncipe de Gales. Não, meu convidado inesperado é o *duque de Bewcastle*.

Christine ergueu as sobrancelhas. Já tinha ouvido falar do duque, embora nunca houvesse sido apresentada a ele. Era um homem extremamente poderoso e arrogante – e frio como gelo, ao menos era o que diziam. Compreendia a consternação de Melanie. E logo *ela*, Christine, fora a escolhida para equilibrar o número entre homens e mulheres com o duque de Bewcastle? A ideia pareceu muito engraçada até Christine perceber que aquela era mais uma razão para permanecer em casa. Mas agora era tarde demais.

– Nossa... – disse a mãe de Christine, parecendo imensamente impressionada.

– Sim – concordou Melanie estreitando os lábios e fazendo as plumas balançarem ao assentir. – Mas não há razão para se preocupar, Christine. Há vários outros cavalheiros dos quais você irá gostar e que ficarão encantados em dançar com você. Você realmente causa este contentamento nos cavalheiros, sabe... mesmo na sua idade. Eu ficaria morta de inveja caso ainda não fosse tão atraída por Bertie... embora ele saiba ser terrivelmente impicante quando resolvo organizar um de meus eventos. Bertie bufa, resmunga e deixa claro que não fica nem um pouco animado com a perspectiva de se divertir. De qualquer modo, acredito que você não vá precisar trocar nem uma palavra com Sua Graça se assim preferir. O duque é conhecido por sua arrogância e reticência, e provavelmente não vai nem perceber se você deixá-lo sozinho.

– Prometo não tropeçar nos pés dele, e manter uma distância decente – disse Christine.

Eleanor deu mais um sorrisinho afetado quando capturou o olhar da irmã.

Mas o problema, pensou Christine, era que ela provavelmente faria exatamente isso se não tivesse cuidado – tropeçar nos pés dele, ou mais provavelmente nos próprios pés, quando estivesse passando pelo duque com uma bandeja de gelatinas ou de limonada. Ficaria *mais* do que feliz se pudesse permanecer em casa, mas esta não era mais uma opção. Tinha acabado de concordar em passar duas semanas em Schofield.

– Agora que já equiparei meus convidados de novo – disse Melanie –, posso começar a perdoar Hector. Essa realmente vai ser a temporada festiva mais memorável de todas. Ouso dizer que será assunto em todos os salões de Londres na próxima temporada social. Serei motivo de inveja de toda anfitriã da Inglaterra, e os que não foram convidados vão implorar por um convite no ano que vem. O duque de Bewcastle nunca sai de Londres e das propriedades dele. Não consigo imaginar como Hector o persuadiu a vir até aqui. Talvez ele tenha ouvido falar do excelente nível dos meus eventos. Talvez...

Mas Christine tinha parado de escutar. As duas semanas seguintes estavam destinadas a ser tudo, menos agradáveis. E agora ainda haveria o aborrecimento adicional de ter o duque de Bewcastle também como convidado no evento, o que a deixaria um tanto constrangida – sensação completamente desnecessária, já que, como Melanie acabara de observar, era pouco provável que o duque fosse reparar em Christine mais do que repararia num verme sob seus pés. Christine *odiava* essa sensação de constrangimento. Algo que ela só tinha vivenciado após os primeiros anos de seu casamento, quando subitamente se tornou objeto persistente de intrigas desagradáveis, independentemente do quanto se esforçasse para evitá-las. Depois de ficar viúva, Christine jurara que jamais voltaria a se colocar em tal posição; nunca tornaria a sair do ambiente que lhe era familiar.

É claro que estava bem mais velha agora. Tinha 29 anos... era quase uma anciã. Ninguém poderia esperar que se divertisse com os jovens. Ela poderia ser uma senhora digna. Ficar sentadinha num canto e aproveitar os eventos como espectadora em vez de participante. Na verdade, talvez fosse muito mais divertido assim.

– Posso lhe oferecer uma xícara de chá e um pedaço de bolo, lady Renable? – perguntou a mãe de Christine.

– Não posso me demorar nem mais um instante, Sra. Thompson – respondeu Melanie. – Minha casa estará cheia de convidados depois de ama-

nhã, e há mil e um detalhes para resolver antes que cheguem. Posso lhe assegurar que ser uma baronesa não é só glamour. Preciso ir.

Ela inclinou a cabeça com solenidade, beijou o rosto de Christine, apertou o braço da amiga com afeto e saiu pavoneando, as plumas balançantes, *lorgnon* acenando e saias farfalhando.

– Acho que vale lembrar para futura referência, Christine – começou Eleanor –, que é mais conveniente dizer sim para lady Renable na primeira vez em que ela fizer um convite, seja por escrito ou pessoalmente.

A mãe delas se pôs de pé.

– Precisamos subir para o seu quarto *imediatamente*, Christine – disse ela –, para ver quais roupas precisam ser costuradas, arrumadas ou limpas. Santo Deus... o duque de Bewcastle... Isso sem mencionar o visconde de Elrick e sua esposa! E lorde e lady Renable, é claro.

Christine subiu correndo as escadas na frente da mãe para ver se, quem sabe, uma dúzia de roupas belíssimas e chiques havia se materializado em seu guarda-roupa desde que ela se vestira naquela manhã.



Wulfric Bedwyn, duque de Bewcastle, estava sentado diante da escrivaninha de carvalho na biblioteca magnificamente decorada e bem abastecida da Casa Bedwyn, em Londres. Usava um traje de gala de muito bom gosto e elegância, embora não tivesse convidados para o jantar e estivesse completamente sozinho. O tampo forrado de couro da escrivaninha estava quase vazio, contendo apenas o mata-borrão, penas recém-apontadas e um vidro de tinta com tampa de prata. Não havia afazeres pendentes, afinal ele era sempre meticuloso ao cuidar de seus negócios durante o dia, e já era noite.

Bewcastle poderia ter saído para se entreter de alguma forma – e ainda havia tempo para tal, na verdade. Tinha vários convites dentre os quais escolher, embora a temporada social já houvesse terminado e a maioria de seus pares já tivesse deixado Londres para passar o verão em Brighton ou em suas propriedades campestres. Mas ele nunca fora muito chegado a eventos sociais, a menos que exigissem especificamente sua presença.

Poderia ter ido passar a noite no White's. Embora o clube fosse estar quase vazio nesta época do ano, sempre era possível encontrar compa-

nhia agradável e boa conversa lá. Mas Bewcastle passara tempo demais em seus clubes na última semana desde o início do recesso na Câmara dos Lordes.

Não havia ninguém de sua família na cidade. Lorde Aidan Bedwyn, o irmão mais próximo dele em idade e pretense herdeiro, nem sequer aparecera em Londres naquela primavera. Aidan permanecera em casa, em Oxfordshire, junto à esposa, Eve, aguardando o nascimento do primeiro bebê dos dois, uma menina. Foi um momento feliz pelo qual tinham esperado quase três anos depois de se casarem. Wulfric chegara a ir até lá para o batizado, em maio, mas ficara apenas alguns dias. Lorde Rannulf Bedwyn, o irmão seguinte na ordem por idade, estava em Leicestershire com Judith e o filho e a filha deles. Rannulf estava assumindo suas responsabilidades de latifundiário com mais seriedade agora que a avó deles morrera e ele herdara as terras oficialmente. Freyja, irmã deles, estava na Cornualha. Assim como o marquês de Hallmere, marido dela, que negligenciara seus deveres na Câmara dos Lordes naquele ano e nem aparecera na cidade. Freyja estava grávida de novo. O casal havia tido um menino no início do ano anterior e, ao que parecia, agora torcia por uma menina.

Lorde Alleyne Bedwyn estava no campo com a esposa, Rachel, e as filhas gêmeas nascidas no último verão. Ambos estavam preocupados com a saúde do barão de Weston, tio de Rachel, com quem dividiam a casa, por isso não queriam deixá-lo sozinho. Morgan, a irmã caçula de Wulfric, estava em Kent. Havia permanecido na cidade por algumas semanas, com o conde de Rosthorn, seu marido, mas o ar londrino não fizera bem ao filho pequeno e por isso Morgan voltara para casa com o menino. Rosthorn viajava para ficar com os dois sempre que podia desde então, até que a Câmara dos Lordes entrou em recesso e ele não perdeu tempo, retornando para casa de vez. Nunca mais faria isso, dissera ele a Bewcastle antes de partir. No futuro, se a esposa e os filhos não pudessem acompanhá-lo, ele permaneceria em casa, e a Câmara dos Lordes que fosse para o quinto dos infernos. *Filhos*, dissera Rosthorn. No plural. Aquilo provavelmente significava que Morgan estava grávida de novo.

Era gratificante, pensou Wulfric enquanto pegava uma das penas e a posicionava entre os dedos para escrever, ver seus irmãos e irmãs todos casados e estabelecidos na vida. Seus deveres em relação a eles haviam sido satisfatoriamente cumpridos.

Mas a Casa Bedwyn parecia vazia sem todos eles. Mesmo quando Morgan estivera na cidade, ela obviamente não ficara hospedada ali.

Lindsey Hall, a base principal de Wulfric em Hampshire, ia parecer ainda mais vazia.

Tal constatação talvez tenha sido a responsável por levá-lo a uma decisão impulsiva, um tanto atípica, poucos dias antes. Wulfric tinha aceitado um convite verbal de lady Renable – convencido pelo irmão dela, o visconde de Mowbury – para uma temporada festiva em Schofield Park, em Gloucestershire. Ele *nunca* comparecia a esse tipo de evento. Não conseguia imaginar modo mais insípido de gastar duas semanas. É claro que Mowbury havia lhe *assegurado* que os convidados seriam inteligentes e de excelente nível, e que haveria uma oportunidade de sair para pescar. Mesmo assim, duas semanas na mesma companhia, não importava o quanto ela fosse agradável, poderiam muito bem se provarem enervantes.

Wulfric se recostou, apoiou os cotovelos nos braços da cadeira e juntou as pontinhas dos dedos. Ficou encarando o escritório sem enxergar o ambiente de fato. Sentia mais saudade de Rose do que gostaria de admitir. Ela fora sua amante por mais de dez anos, mas falecera em fevereiro – vítima de um resfriado relativamente inofensivo a princípio, embora Wulfric tivesse insistido para que ela procurasse o médico. Por fim, o resfriado acabou evoluindo para uma severa inflamação pulmonar e nos momentos derradeiros só restou ao médico lhe oferecer o máximo de conforto possível. A morte de Rose se revelou um tremendo choque. Wulfric a acompanhara até o fim – e praticamente por todo tempo ao longo da doença, na verdade.

E ficara tão arrasado quanto provavelmente um viúvo teria ficado.

O relacionamento entre Rose e ele era uma situação bastante confortável. Wulfric a mantinha em Londres num luxo considerável durante os meses do ano em que ele precisava permanecer na cidade, e nos verões retornava a Lindsey Hall enquanto Rose ia para a casa do pai, um ferreiro do campo. Lá, ela se deleitava com a fama e respeito geral garantido pelo fato de ser a amante rica de um duque. Sempre que estava em Londres, Wulfric passava a maior parte das noites com Rose. O relacionamento não fora do tipo apaixonado – ele duvidava ser capaz de se apaixonar – e também não nutriam uma amizade particularmente profunda, já que o nível de educação e os interesses de ambos eram muito diferentes. Mas mesmo assim havia

um companheirismo reconfortante entre eles. Wulfric estava seguro de que Rose partilhava da mesma satisfação em relação ao vínculo dos dois. Depois de mais de dez anos, ele teria percebido se não fosse o caso. Wulfric sempre ficara satisfeito por Rose não ter tido filhos dele. Se tivesse acontecido, ele teria fornecido a melhor assistência às crianças, mas teria ficado desconfortável com o fato de ter filhos bastardos.

Mas a morte dela deixara um imenso vazio na vida dele.

Sentia saudade de Rose. Estava celibatário desde fevereiro, mas não sabia como iria substituí-la. Não estava nem certo se queria fazê-lo... ao menos não ainda. Rose sempre soubera como satisfazê-lo, como agradá-lo. E ele sempre soubera como fazer o mesmo por ela. Wulfric não tinha certeza se queria se adaptar a outra pessoa. Sentia-se velho demais para tal aos 35 anos.

E então Wulfric apoiou o queixo nas pontas dos dedos.

Estava com 35 anos.

Havia cumprido todas as suas funções como duque de Bewcastle, cargo que jamais desejara, mas que herdara a contragosto aos 17 anos. Ele cumprira tudinho, exceto casar e gerar filhos e herdeiros. Estivera prestes a cumprir tal obrigação também, anos antes, quando era jovem e ainda nutria um pouco de esperança de que era possível combinar felicidade pessoal e dever. Mas na mesma noite em que seu noivado fora anunciado, a noiva em questão veio à tona com uma farsa elaborada a fim de evitar um casamento que a repugnava – a jovem tivera medo demais de Wulfric e do próprio pai para simplesmente dizer a verdade.

Como um duque poderia escolher qualquer mulher para ser sua duquesa e esperar ter satisfação pessoal com o acordo? Quem se casaria com um duque pela pessoa que ele era? Uma amante poderia ser dispensada. Uma esposa, não.

E, assim, o único mínimo gesto de rebeldia que ele se permitira desde o noivado frustrado com lady Marianne Bonner fora permanecer solteiro. E satisfazer suas necessidades com Rose. Ele a conheceu e colocou sob sua proteção menos de dois meses depois daquela noite desastrosa do noivado.

Mas agora Rose estava morta – e enterrada à custa dele num cemitério no interior, próximo à casa do pai ferreiro. O duque de Bewcastle surpreendera a todos da cidadezinha e arredores ao comparecer ao funeral.

Por que diabos concordara em ir a Schofield Park com Mowbury? Teria feito isto apenas porque não queria voltar sozinho para Lindsey Hall – em-

bora também não conseguisse suportar a ideia de permanecer em Londres? Era uma razão lamentável, ainda que Mowbury fosse *realmente* uma companhia bem informada, com uma conversa interessante, e que houvesse esperança de que os outros convidados fossem semelhantes a ele nesse sentido. Ainda assim, teria sido melhor passar o verão viajando entre suas várias propriedades na Inglaterra e no País de Gales, e talvez visitar os irmãos e irmãs no caminho. Mas, não... a visita aos irmãos não era uma boa ideia. Todos tinham uma vida agora. Com cônjuges e filhos. Estavam felizes. Sim, Wulfric acreditava que estavam mesmo felizes – todos eles.

E se alegrava por sua família.

O duque de Bewcastle, absolutamente solitário em seu poder, em seu esplendor, na magnífica mansão londrina que o cercava, continuou a encarar o nada enquanto tamborilava com os dedos no queixo.



A carruagem do barão de Renable chegou de manhã bem cedo para levar Christine a Schofield Park. Melanie, que parecia tensa, ficou grata ao aceitar sua oferta de ajuda com alguns preparativos finais. Christine dera uma passada rápida no quarto que lhe fora designado – pequeno como uma caixa de sapatos, dando para os fundos da casa, imprensado entre duas chaminés que bloqueavam a vista da janela, permitindo-lhe apenas um vislumbre sutil da horta abaixo – para deixar sua touca, ajeitar os cachos e arrumar seus poucos pertences. Depois seguira rapidamente para o andar de cima a fim de cumprimentar as crianças, e passara o restante da manhã e parte da tarde correndo de um lado a outro para resolver várias pendências. E teria passado o que restava daquele dia correndo caso Melanie não tivesse trombado nela quando Christine subia as escadas rumo aos quartos de hóspedes mais opulentos carregando montes de toalhas. Melanie deixou escapar um gratinho de protesto ao notar a aparência da amiga.

– Você simplesmente *precisa* se arrumar, Christine – disse ela em um tom débil, levando a mão ao peito –, e dar um jeito nos cabelos. Eu disse que você podia *ajudar*. Não era minha intenção que agisse como uma *criada*. Isso aí nos seus braços são mesmo *toalhas*? Vá para o seu quarto imediatamente, pobre criatura, e comece a se comportar como convidada.

Menos de meia hora depois, Christine desceu as escadas decentemente vestida, embora talvez não deslumbrante, em seu segundo melhor vestido de musselina, estampado com raminhos, os cachos recém-escovados até brilharem. Ela se odiava por estar se sentindo tensa – e por ter se permitido convencer a participar de tudo aquilo. Neste momento ela poderia

estar no meio da aula de geografia que lecionava semanalmente e de fato se divertindo.

– Ah, aí está você – falou Melanie quando Christine se juntou a ela no salão. Pegou uma das mãos da amiga e apertou quase dolorosamente. – Vai ser *tão* divertido, Christine. Se eu não tiver esquecido nada... E se não acabar vomitando quando vir os convidados se aproximando... Por que sempre tenho vontade de vomitar em ocasiões como esta? É tão deselegante...

– Como sempre – assegurou Christine –, tudo vai dar tão maravilhosa-mente certo que você vai ser declarada a anfitriã mais elegante do verão.

– Ah, você acha mesmo? – Melanie levou a mão ao peito outra vez, como se para acalmar o coração. – Gosto dos seus cabelos curtos, Christine. Quase desmaiei quando você me contou que iria cortá-los, mas deste modo você parece mais jovem e bela de novo, como se alguém tivesse retrocedido os anos especialmente para você... não que algum dia você *não* tenha sido bela. Fico morta de inveja. O que disse, Bertie?

Mas lorde Renable, que estava ali por perto, havia apenas pigarreado ruidosamente.

– Uma carruagem se aproxima, Mel – disse ele. – Aqui vamos nós.

Ele a encarou com uma expressão melancólica, como se estivessem à espera da invasão de oficiais de justiça em Schofield Pak para levar todos os seus bens.

– Suba e esconda-se, Christine. Ainda pode ter mais uma hora de liberdade, imagino.

Melanie deu um tapinha não muito gentil no braço do marido e suspirou audivelmente. Ela parecia ter adquirido quase 10 centímetros de altura e se transformado instantaneamente numa anfitriã aristocrática e graciosa que jamais vivenciara um único instante de nervosismo ou demonstrara qualquer tendência a vomitar durante uma crise.

Porém houve a ameaça de uma breve recaída quando Melanie baixou o olhar e percebeu que tinha um copo de limonada pela metade em sua mão direita.

– Alguém pegue isto! – exigiu ela, olhando ao redor em busca do empregado mais próximo. – Ah, santo Deus, eu poderia ter derrubado este refresco nas botas ou no vestido de alguém.

– Eu pego o copo – disse Christine, rindo e unindo ação às palavras. – E derramar esta limonada em alguém parece mais algo que *eu* faria, Melanie. Eu e a limonada vamos sair do caminho para não causarmos estragos.

E então seguiu rapidamente pela escadaria em direção à sala de estar de um tom amarelo-claro, onde as outras convidadas logo se juntariam a ela. Por alguma razão que só a própria Melanie conhecia, as damas e os cavalheiros eram sempre mantidos separados em suas festas, até que ela estivesse livre para recepcionar a todos no salão para o chá, momento no qual as festividades eram abertas oficialmente.

Mas Christine parou no patamar da escada, que se curvava acima do saguão de entrada; assim pôde dar uma olhadela para além do balaústre. A carruagem que Bertie ouvira provavelmente estivera mais perto do que o imaginado. Os primeiros convidados já estavam entrando, e Christine não conseguiu resistir a espiar para ver se o grupo incluía algum conhecido seu.

Havia dois cavalheiros. Um deles, vestido com desleixo, usando um paletó marrom amarrotado e grande demais, calças azul-escuras meio largas no joelho, botas arranhadas que já tinham visto dias melhores, um lenço que parecia ter sido jogado com pressa ao redor do pescoço sem nenhuma consulta a um espelho ou empregado. As pontas do colarinho estavam moles, sem o uso de um pouco de goma, e os cabelos louros apontavam em todas as direções, como se ele tivesse acabado de acordar. Era Hector Magnus, visconde de Mowbury.

– Ah, é você, não é, Mel? – disse ele, sorrindo vagamente para a irmã, como se tivesse esperado que outra pessoa o recepcionasse na casa dela. – Como vai, Bertie?

Christine sorriu com afeição e teria descido para cumprimentá-lo não fosse pelo cavalheiro que o acompanhava. O homem não poderia ser uma antítese maior a Hector, mesmo se tentasse. Era alto e de boa constituição física e estava vestido na mais absoluta elegância num paletó azul de tecido nobre sobre um colete cinza bordado, além de calças de um cinza mais escuro e botas de cano alto muito bem engraxadas com arremate em branco. O lenço que trazia ao redor do pescoço estava amarrado com elegância, mas sem ostentação. As pontas do colarinho quase encostavam em seu maxilar. E tanto a camisa quanto o lenço eram imaculadamente brancos. O homem segurava uma cartola em uma das mãos. Os cabelos, escuros e fartos, estavam muito bem cortados e arrumados à perfeição.

Os ombros e o peito pareciam largos e imponentes sob a roupa de corte perfeito, os quadris esguios e coxas que obviamente dispensavam o enchimento do alfaiate.

Mas não foi tanto a aparência impressionante do convidado que manteve Christine em silêncio e paralisada, espiando quando deveria ter tomado uma atitude. Foi mais o modo absolutamente seguro e orgulhoso com que ele se apresentava, a arrogância nítida, a inclinação da cabeça. Com certeza aquele era um homem que ditava as regras de seu mundo com facilidade e exigia obediência imediata de seus inferiores – os quais obviamente incluíam praticamente qualquer outro ser vivo. Uma ideia um tanto extravagante, talvez... mas Christine percebeu que o sujeito devia ser o terrível duque de Bewcastle.

Ele parecia ser exatamente tudo o que ela fora levada a esperar dele.

Era um aristocrata da cabeça aos pés.

Christine viu parte do rosto dele quando Melanie e Bertie o cumprimentaram e ele se inclinou numa leve reverência e então aprumou o corpo. Eram feições belas, mas de um jeito frio, austero, com o maxilar severo, lábios finos, malares altos e um nariz proeminente, ligeiramente adunco e de traços bem definidos.

Mas ela não conseguiu ver os olhos dele. O duque se adiantara e estava quase diretamente abaixo de onde Christine se encontrava, ao passo que Melanie voltava sua atenção para Hector. Christine se inclinou ligeiramente por cima do corrimão no exato instante em que o duque levantou a cabeça e a notou ali.

Ela teria recuado de imediato, constrangida por ter sido flagrada espiando, se não tivesse ficado tão alarmada por aqueles mesmos olhos que vinha tentando avaliar. Olhos que pareceram transpassá-la e alcançar sua nuca. Não conseguiu ter certeza da cor – azul-claros? Cinza-claros? –, mas estava próxima o suficiente para conseguir sentir o efeito deles.

Não era de espantar que o homem tivesse a reputação que tinha.

Por um rápido instante, Christine teve a impressão muito nítida de que o duque de Bewcastle poderia ser um homem muito perigoso. O coração dela batia intensamente, como se ela tivesse acabado de ser pega espiando por um buraco de fechadura enquanto algum escândalo se desenrolava no cômodo.

Então algo extraordinário aconteceu.

O duque lhe lançou uma *piscadela*.

Ou ao menos foi o que pareceu por um instante fugaz.

Mas então, mesmo de olhos arregalados devido ao choque, Christine notou que ele estava esfregando o olho com que piscara e se deu conta de que

ao se inclinar por cima do corrimão, o copo em sua mão também tombara. Ela derramara limonada no olho do duque de Bewcastle.

– Ah, meu Deus! – exclamou Christine. – Sinto muito.

Então ela se virou e saiu correndo o mais rápido que suas pernas permitiram. Que situação terrivelmente constrangedora! Que descuido horrível o dela! Havia prometido não tropeçar nos pés do duque logo no primeiro dia, mas não lhe ocorrera prometer também não derramar limonada no olho do sujeito.

Esperava desesperadamente que aquilo não fosse o prenúncio do que estava por vir.

Precisava se recompor antes que alguma das outras convidadas aparecesse, pensou Christine depois de chegar em segurança ao salão amarelo-claro. E precisava escapar da órbita do duque de Bewcastle pelos próximos treze dias e meio. Na verdade, não deveria ser muito difícil. Ele provavelmente nem sequer a reconheceria quando voltasse a vê-la. E Christine não era o tipo de pessoa em quem o duque repararia no curso normal das coisas.

O duque de Bewcastle não representaria qualquer perigo para alguém tão abaixo dele na escala social – ainda que Christine inadvertidamente o tivesse atingido com limonada.

E por que ela deveria se sentir tão desconcertada na presença dele, de qualquer modo? O duque não era o tipo de homem que ela gostaria de impressionar.



Era limonada, logo percebeu Wulfric. Mas por mais refrescante que aquele suco pudesse ser para quem não queria vinho ou alguma bebida mais forte num dia quente, com certeza não era agradável quando caía dentro do olho.

Ele não reclamou de maneira audível. E os Renables não pareceram ter notado nada estranho, embora a criatura que derramara a bebida lá do alto tivesse apresentado a impertinência de desculpar-se e logo sair em disparada feito um coelho assustado – como poderia muito bem ser. Os Renables estavam ocupados com Mowbury.

Wulfric secou o olho com um lenço e torceu para seu globo ocular não parecer tão injetado quanto ele sentia estar.

Mas aquele não fora um começo auspicioso para uma visita de duas semanas. Nenhum criado em qualquer das propriedades de Wulfric permaneceria muito tempo a seu serviço caso ficasse espiando os hóspedes, derramasse líquidos neles, pedisse desculpas e depois fugisse. Ele torceu para que aquele fosse um caso isolado, uma aberração, e não o sinal de um serviço de criados tosco e indolente.

A criatura nem mesmo usava touca. E Wulfric teve a distinta impressão de ter visto cachos balançando, um rosto redondo e olhos arregalados, embora, é claro, não tivesse conseguido enxergá-la bem.

Fato pelo qual não lamentava nem um pouco, na verdade.

Wulfric afastou a mulher de seus pensamentos. Se os Renables não conseguiam controlar os criados, então o serviço de má qualidade era problema deles, não de Wulfric. Afinal, ele levara o próprio empregado para atender às suas necessidades pessoais.

Wulfric ainda nutria esperanças de que aquela temporada festiva em Schofield Park fosse se revelar agradável. Mowbury, um homem de cerca de 30 anos, leitor voraz e que já viajara muito, principalmente à Grécia e ao Egito, se mostrara uma companhia interessante na longa viagem de Londres até ali. Eles se conheciam e de certo modo eram amigos havia anos. Os Renables o saudaram com amabilidade. Os aposentos que lhe foram designados eram espaçosos e com vista para os gramados, para as árvores e para os canteiros de flores na frente da casa.

Depois de vestir roupas limpas e passar algum tempo sentado diante do espelho do quarto de vestir enquanto seu empregado o barbeava, Wulfric desceu para o salão de bilhar onde os cavalheiros haviam sido convidados a se reunir. Lá, encontrou o conde de Kitredge e o visconde de Elrick. Os dois cavalheiros eram mais velhos do que Wulfric, e ele sempre os considerara boa companhia. Era um sinal promissor. Mowbury e seu irmão caçula, Justin Magnus, também estavam presentes. Wulfric jamais havia tido qualquer contato com Magnus, mas ele lhe pareceu um jovem agradável.

Talvez, no fim das contas, aquela temporada fosse exatamente o que estava precisando, pensou Wulfric enquanto entabulava conversa com os outros convidados. Aproveitaria aquelas duas semanas de companhias interessantes e aí estaria pronto para retornar a Lindsey Hall pelo restante do verão. Afinal, um homem não podia se transformar num ermitão só porque seus irmãos estavam casados e sua amante, morta.

De repente a porta foi aberta outra vez e ele ouviu dois sons extremamente desagradáveis – risinhos femininos e risadas masculinas. Vozes femininas e masculinas misturadas num fluxo animado. As damas estavam a caminho, e um grande grupo de cavalheiros tinha acabado de entrar na sala. Dentre eles não havia nenhum homem com mais de 25 anos, estimou Wulfric. E, a julgar pela risada, postura e fanfarronices dos respectivos cavalheiros, nenhum dotado de cérebro.

E se ele não estava enganado, um grupo também numeroso de damas com as mesmas características dos cavalheiros acabara de chegar.

Eram aquelas pessoas que enchiam os salões de baile de Londres em todas as temporadas sociais para o grande mercado casamenteiro. Na verdade, elas eram a razão pela qual Wulfric costumava evitar tais eventos, a menos que as circunstâncias o obrigassem a comparecer.

Eram os convidados que lhe fariam companhia durante toda a temporada festiva.

– Ah – disse um dos presentes, sir Lewis Wiseman, um jovem de aspecto saudável e cordial que Wulfric conhecia de vista –, parece que quase todos já chegaram. Um rapaz não *precisa* de fato de uma festa de noivado em sua homenagem, mas a irmã e a mãe de Audrey discordam... e Audrey também, imagino. Sendo assim, cá estamos nós.

Ele corou e riu ao mesmo tempo que seus jovens amigos davam tapinhas em seu ombro e faziam comentários tolos e rudes.

Foi nesse momento, quando já era tarde demais, que Wulfric se lembrou de que Wiseman havia anunciado recentemente seu noivado com a Srta. Magnus – irmã de lady Renable. Aquela era uma festividade em homenagem ao noivado. E como o casal era muito jovem, a maior parte de seus convidados também era.

Wulfric ficou consternado.

Tinha sido levado até ali sob falsos pretextos de poder se *divertir* com um bando de crianças?

Durante duas semanas inteiras?

Será que Mowbury o iludira deliberadamente? Ou alguém iludira Mowbury deliberadamente?

Mas Wulfric sabia que não podia culpar ninguém senão a si próprio, é claro. Afinal, acreditara num sujeito tão aéreo em seu trato com o mundo que ficara conhecido por aparecer no White's Club usando um pé de bota

diferente do outro. Era muito possível que Mowbury tivesse se esquecido do noivado recente da irmã.

Agarrou o punho do monóculo e quase inconscientemente assumiu sua postura mais fria e ameaçadora quando os jovens cavalheiros demonstraram certa inclinação a tratar Wulfric e os outros mais velhos com uma camaradagem barulhenta.

Wulfric piscou algumas vezes. O olho ainda ardia um pouco, percebeu.



A cunhada de Christine, Hermione Derrick, viscondessa de Elrick, foi uma das primeiras convidadas a chegar. Alta, loura, esguia e provavelmente com mais de 40 anos àquela altura, Hermione estava linda e elegante como sempre. Christine, sentindo o coração prestes a pular do peito, se levantou e sorriu para a viscondessa. E teria lhe dado um beijinho no rosto, no entanto algo na postura da outra a deteve e a fez permanecer no lugar, constrangida.

– Como vai, Hermione? – perguntou Christine.

– Christine – cumprimentou Hermione com uma inclinação rígida de cabeça, ignorando a pergunta. – Melanie me informou que você era uma das convidadas.

– E como estão os meninos? – perguntou Christine.

Os sobrinhos de Oscar não eram mais crianças, percebeu, e sim jovens cavalheiros sem dúvida soltos pelo mundo, experimentando a vida.

– Você cortou os cabelos – observou Hermione. – Que peculiar!

Então Hermione voltou a atenção para as outras damas presentes.

Bem, pensou Christine enquanto voltava a se sentar, ao que parecia a aparência dela não seria ignorada, mas suas palavras, sim. Aquele não era um começo promissor – ou talvez fosse a continuação nada promissora do começo.

Hermione, filha de um advogado do interior, havia conquistado um casamento ainda mais esplêndido do que Christine ao se unir ao visconde de Elrick, mais de vinte anos antes. Ela recebera Christine no seio da família calorosamente e a ajudara a se adaptar à vida na aristocracia – inclusive fora sua acompanhante na apresentação à rainha. As duas se tornaram amigas apesar da diferença de idade de mais de dez anos entre elas. Mas a amizade ficara abalada nos últimos anos do casamento de Christine. Mesmo

assim, a terrível contenda que se seguira depois da morte de Oscar pegara Christine de surpresa e a abalara profundamente. Ela acabou indo embora de Winford Abbey, a casa de campo de Basil, no dia seguinte ao funeral, arrasada, confusa e sem um tostão depois de comprar a passagem para a diligência, com a única intenção de voltar para sua casa, Hyacinth Cottage, para lamber as feridas e arranjar um jeito de retomar a própria vida. Não voltara a ter notícias – ou a ver – o cunhado e a cunhada até então.

Christine esperava com fervor que pudessem ao menos agir de modo civilizado por duas semanas. Afinal, ela não havia feito nada *errado*.

A viscondessa de Mowbury, mãe de Melanie, uma mulher pequenina e redonda, de cabelos grisalhos e olhar arguto, abraçou Christine e disse como estava encantada em ver seu belo rostinho de novo. Audrey também expressou satisfação em ver Christine e corou, parecendo muito feliz quando Christine a cumprimentou pelo noivado. Felizmente, o relacionamento conturbado dela com a família imediata de Oscar nunca afetara suas boas relações com a tia e os primos dele, os quais, aliás, não haviam passado muito tempo em Londres nos últimos anos.

Lady Chisholm, esposa de sir Clive, a quem Christine já havia sido apresentada em outra ocasião, e a Sra. King, que ela também já conhecia, foram educadas.

E havia seis jovens damas, muito elegantes e ricamente adornadas, as quais Christine presumiu serem amigas de Audrey, que obviamente eram íntimas umas das outras e se agruparam para conversar e rir, ignorando todos os outros convidados presentes. Aquelas jovens provavelmente ainda não tinham saído da sala de estudos na última vez que ela estivera em Londres, pensou Christine. Mais uma vez, ela se sentiu uma anciã. E seu segundo melhor vestido de repente lhe pareceu um verdadeiro fóssil. Foi um dos últimos vestidos que Oscar lhe comprara antes de morrer. E Christine duvidava que a roupa tivesse chegado a ser paga.

– O *duque de Bewcastle* é um dos convidados – anunciou lady Sarah Buchan em voz alta para o grupo de jovens reunidas, os olhos muito arregalados, o rosto vermelho de empolgação.

Talvez Sarah pudesse ser perdoada por acreditar que estava trazendo novidades empolgantes a todos. Ela havia acabado de chegar com o pai, o conde de Kitredge, e com o irmão, o ilustre George Buchan. Mas todos ali já sabiam da presença do duque de Bewcastle, pois era um detalhe ao qual

Melanie já recorrera para impressionar cada um que chegava. A anfitriã, ao que parecia, já se recuperara completamente de seu desconsolo por Hector ter convidado o duque.

– Não vi o duque nem uma vez durante toda a temporada – continuou lady Sarah –, embora ele tenha ficado em Londres o tempo todo. Dizem que o homem raramente sai, a não ser para ir à Câmara dos Lordes e aos seus clubes. Mas ele veio para cá. Imaginem!

– Apenas um duque e tantas de nós – lamentou Rowena Siddings, os olhos brilhando de empolgação, as covinhas aparecendo. – Embora as damas casadas não entrem na contagem, é claro. Nem Audrey, porque está noiva de sir Lewis Wiseman. Mas ainda assim sobra um número excessivo de nós para disputar as atenções de somente *um* duque.

– Mas o duque de Bewcastle é *velho*, Rowena – comentou Miriam Dunsan-Lutt. – Já passou bastante dos 30 anos.

– Mas ele é um duque – argumentou Sarah –, portanto a idade não é problema, Miriam. Papai diz que estaria aquém da minha dignidade me casar com alguém que não detenha no mínimo o título de conde, embora eu tenha recebido *dezenas* de pedidos de casamento na última primavera de cavalheiros que boa parte das moças consideraria perfeitamente adequados. Não é de todo improvável que eu me case com um duque.

– Que conquista seria ganhar a mão do duque de Bewcastle – comentou Beryl Chisholm. – Mas por que deveríamos lhe conceder a vitória, Sarah? Talvez todas devêssemos competir por ele.

Houve uma explosão de risadinhas.

– Vocês todas são jovens damas extraordinárias – adiantou-se lady Mowbury com gentileza, erguendo a voz para que pudesse ser ouvida do outro lado da sala –, e estão destinadas a constituir um bom casamento dentro de um ou dois anos, mas talvez devam ser alertadas de que Bewcastle vem evitando todas as tentativas de ser arrastado para o matrimônio, a ponto de até mesmo a mais determinada das mães já ter desistido de tentar fisgá-lo para uma de suas filhas. Eu nem sequer o cogitei como possibilidade para Audrey.

– Mas quem iria querer se casar com ele, de qualquer modo? – perguntou Audrey com a segurança complacente de sua posição de noiva. – Basta o duque entrar num cômodo para que a temperatura despenque. O homem carece de sentimentos, de sensibilidade, de coração. Soube por uma autoridade

confiável no assunto. Lewis diz que até os cavalheiros mais jovens no White's sentem-se intimidados por ele e o evitam sempre que possível. Acho que não foi muito espirituoso da parte de meu irmão convidá-lo.

Christine concordava. Se Hector não tivesse convidado o duque, então *ela* não precisaria estar sentada ali naquele momento, sentindo-se ao mesmo tempo desconfortável e entediada – e não teria derramado limonada nos olhos do sujeito. De algum modo Christine se viu imprensada entre as damas mais velhas – que se movimentavam em grupo e logo estavam imersas numa conversa – e as mais jovens, que estavam mais próximas dela. Na prática, ela acabou membro do grupo das mais jovens, que passaram a falar aos cochichos e voltaram a dar risadinhas.

– Proponho uma aposta – disse lady Sarah num sussurro.

Devia ser a mais jovem de todas, avaliou Christine. Parecia ter fugido do berçário, na verdade, embora devesse ter pelo menos 17 anos, se já havia debutado.

– Vence aquela que conseguir instigar o duque de Bewcastle a pedi-la em casamento antes que a quinzena termine.

– Temo que isso seja absolutamente impossível – comentou Audrey enquanto as outras seguiam com as risadinhas abafadas. – O duque não tem a intenção de se casar.

– E nenhuma aposta é sequer remotamente interessante se não houver chance de ser vencida por *alguém* – acrescentou Harriet King.

– O que devemos apostar, então? – perguntou Sarah, ainda ruborizada, os olhos muito cintilantes, e determinada a não abandonar totalmente a ideia. – Qual de nós consegue atraí-lo para uma conversa? Não, isso não... é fácil *demais*. Quem será a primeira a dançar com ele? Sua irmã planejou algum baile, Audrey? Ou... o que, então?

– Quem consegue prender a atenção dele, sem distrações, por uma hora – sugeriu Audrey. – Acreditem, esta será uma tarefa bem difícil de completar. E a vencedora... se houver uma... merecerá o prêmio. Imagino que uma hora na companhia do duque seria o equivalente a passar uma hora sentada no Polo Norte.

Houve uma nova onda de risadinhas.

Mas Sarah ignorou o aviso e encarou com os olhos cintilantes todas as meninas do grupo – exceto Christine, que não era de fato uma delas, embora tivesse escutado cada palavra dita ali.

– Uma hora a sós com ele, então – disse Sarah. – A vencedora será a primeira que cumprir a missão. E... quem sabe? Talvez tal dama faça o duque se apaixonar por ela e acabe sendo pedida em casamento. Digo que não seria de todo estranho.

Houve mais uma pausa para as inevitáveis risadinhas.

– Quem está disposta? – perguntou lady Sarah.

A própria lady Sarah, Rowena, Miriam, Beryl e sua irmã, Penelope, além de Harriet King aceitaram o desafio, e isto foi sucedido de muitos outros gritinhos e risadinhas. As mulheres mais velhas ofereceram sorrisos indulgentes e perguntaram o que as jovens estavam achando tão divertido.

– Nada – disse Harriet King. – Nada mesmo, mamãe. Estávamos apenas conversando sobre os cavalheiros que devem comparecer a esta temporada festiva.

Christine também sorriu. Será que um dia havia sido tola desse jeito? Sabia que sim. Casara-se com Oscar apenas dois meses depois de conhecê-lo, só porque ele era belo como um deus grego – eis aí uma descrição um tanto corriqueira – e se apaixonara perdidamente por sua aparência e seu comportamento cativante.

– E você, prima Christine? – perguntou Audrey quando as senhoras voltaram a atenção para os próprios assuntos.

Foi combinado que Audrey recolheria as apostas – um guinéu de cada participante. A quantia arrecadada iria para a vencedora, ou seria devolvida caso ninguém levasse o prêmio.

Christine apontou para si com certa surpresa e ergueu as sobrancelhas.

– Eu? Ah, não, de forma alguma – disse e riu.

– Não vejo por que não – retrucou Audrey, inclinando a cabeça e examinando Christine mais detidamente. – Afinal, você é viúva, não casada, afinal, e primo Oscar faleceu há dois anos. E ainda não é *muito* velha. Duvido que já tenha chegado aos 30 anos.

As outras jovens se viraram ao mesmo tempo para encarar com perplexidade a tal pessoa que estava perto de chegar aos 30 anos. A eloquência do silêncio delas foi o bastante para assegurar a Christine que, na sua idade, não restava qualquer esperança de prender a atenção do duque por uma hora inteirinha.

E Christine concordava plenamente com as jovens, embora não devido ao fato de ter 29 anos em vez de 19.

– Eu sinceramente não vejo qual é a graça de pagar pelo privilégio de tolerar a companhia daquela geleira durante uma hora – disse.

– É um bom argumento – admitiu Audrey.

– A senhora é filha de um professor do interior, não é, Sra. Derrick?
– perguntou Harriet King com óbvio desdém. – Imagino que esteja com medo de perder a aposta.

– Sou, sim – confirmou Christine com um sorriso. Em seu entendimento, a pergunta tinha sido retórica. – Mas acredito que eu teria mais medo de vencer. O que eu faria com um duque, ora essa?

Houve um instante de silêncio, e aí mais uma explosão de risadinhas.

– Eu poderia lhe dar uma ideia ou duas – ofereceu Miriam Dunstan-Lutt, e logo ruborizou diante das próprias palavras ousadas.

– Chega disso – falou Audrey com firmeza.

Ela ergueu uma das mãos para chamar a atenção das jovens e olhou de relance rapidamente para o lado a fim de se certificar de que ninguém no outro grupo estava ouvindo.

– Realmente não posso permitir que você se exclua da aposta baseando-se apenas no fato de que não *deseja* vencer, prima Christine. Vou apostar um guinéu por você. Na verdade, vou apostar em você. E isso não é chocante, se levarmos em conta que damas não deveriam apostar de forma alguma?

– Se não chegar aos ouvidos dos cavalheiros, eles não se incomodarão – observou Beryl Chisholm.

– Posso lhe assegurar de que vai perder seu guinéu – disse Christine a Audrey, rindo e se perguntando como o duque de Bewcastle reagiria se soubesse o que estava sendo dito na sala de estar amarela.

– Talvez – concordou Audrey. – Mas minha expectativa é que ninguém vença e assim meu dinheiro volte em segurança para minhas mãos. É claro, como a aposta não é para instigar o duque a fazer um pedido de casamento, mas apenas para atraí-lo para uma longa conversa, eu mesma poderia entrar na competição, mas não creio que possa fazê-lo. Não considero sete guinéus estímulo o bastante. Além do mais, Lewis ficaria com ciúmes, e não me ajudaria em nada em minha defesa explicar que eu estava tentando vencer uma *aposta*.

Uma campainha soou em algum lugar longe da sala de estar. Era o sinal de que todos haviam chegado e que deveriam se reunir no salão de visitas para o chá.

– Então – perguntou Harriet King para lady Sarah –, você nunca conheceu o duque de Bewcastle?

– Não – admitiu Sarah –, mas, se ele é um duque, certamente deve ser bonito.

– Eu *já* o conheci – disse Harriet, enganchando o braço no de Sarah e se preparando para deixar a sala –, e numa situação normal eu jamais investiria nele. Mas não posso correr o risco de ser derrotada pela viúva filha de um professor do interior que pode ou não já ser trintona, posso?

As duas saíram andando, de braços dados.

Audrey olhou para Christine e fez uma careta.

– Ah, meu bem, lamento, mas parece que a guerra foi declarada – falou. – E você agora com certeza não vai conseguir resistir ao desafio, não é mesmo, Christine? Precisa recuperar meu dinheiro para mim.

Rowena Siddings enlaçou o braço ao de Christine enquanto elas seguiam em direção ao salão de visitas.

– Como somos *todas* ridículas – comentou. – Devemos, nós duas, participar da aposta, Sra. Derrick, ou devemos manter distância e admirar o homem tão grandioso de longe?

– Acho que devemos manter distância e *rir* dele de longe caso o sujeito se revele tão pretensioso e arrogante quanto diz sua fama – retrucou Christine. – Não admiro nobreza carente de conteúdo.

– Que coragem de sua parte. – A jovem sorriu. – *Rir* do duque de Bewcastle.

Ou de mim mesma, pensou Christine, por ter sido arrastada para uma bobagem secreta e pueril quando tudo o que deveria ter feito era ter negado com veemência o convite de Melanie em Hyacinth Cottage no dia anterior, ou mesmo ter dito um não bem firme para Audrey na sala de estar.

Mas Christine precisava admitir que não podia culpar mais ninguém por tudo isso, exceto a si mesma.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br